BASTIDORES Referência na conquista do penta em 2002, Ronaldo palpita sobre o novo treinador da Seleção no próximo ano

Pitacos fenomenais

Franck Fife/AFP

Cada vez mais imerso na cartolagem, Ronaldo não fica em cima do muro sobre o próximo técnico do Brasil

JOÃO VÍTOR MARQUES
Enviado especial

Doha — Nos últimos dias, Ronaldo Fenômeno também participou ativamente do dia a dia da Seleção Brasileira em Doha. Apesar da estreita relação com a CBF, ele assegura estar longe dos processos decisórios sobre a escolha do treinador que substituirá Tite. Mas já tem preferidos. O bicampeão mundial (1994 e 2002) entende que é a hora de mudar a rota histórica e apostar em um treinador gringo.

"Tem muitos nomes incríveis no mercado que acho que fariam muito bem. O próprio Ancelotti, o Abel (Ferreira), do Palmeiras, o Mourinho, da Roma. Todos com contrato, mas são nomes incríveis. Não sei o que a CBF vai fazer, mas a minha opinião é que eu apoiaria um nome estrangeiro também", opinou Ronaldo, em entrevista ontem.

De fato, os três preferidos de Ronaldo estão empregados. O italiano Carlo Ancelotti tem vínculo com o Real Madrid até o meio de 2024, mesmo prazo do acordo do português José Mourinho com a Roma. Já o contrato do também luso Abel Ferreira com o Palmeiras é seis meses mais longo, com validade até dezembro.

Neste momento, a procura da CBF por um treinador está praticamente na estaca zero. A decisão é centralizada no presidente Ednaldo Rodrigues, que prefere o silêncio e ainda não se pronunciou publicamente sobre o tema depois da eliminação do Brasil para a Croácia.

O que se sabe é que o mandatário não descarta a contratação de um estrangeiro e, via intermediários, fez contatos nos últimos meses com Ancelotti e o espanhol Pep Guardiola, que recentemente renovou com o Manchester City.

Apesar da ansiedade, a tendência é que o presidente defina o escolhido para outro cargo antes de contratar um treinador. O ex-jogador Juninho Paulista está de saída do cargo de coordenador de futebol, posição hierarquicamente superior ao técnico. O substituto dele ajudará Ednaldo na busca por um comandante para o time até a Copa de 2026.

"Antes do treinador, acho que a CBF ainda terá outros anúncios para fazer. A escolha do treinador vem de um conceito de como a direção e o presidente da CBF querem que a Seleção jogue. A partir desse conceito de jogo que a Seleção escolher, aí sim buscar os perfis mais adequados para esse tipo de jogo", corroborou Ronaldo.

Técnicos Brasileiros

O Fenômeno justificou a preferência por um estrangeiro no comando da Seleção. "Eu não diria que (o técnico brasileiro) ficou para trás. Mas, na Seleção, desde 2002 não ganhamos nada. É o momento propício para arriscar, inovar, trazer uma novidade", argumentou. Desde o penta, o Brasil teve cinco treinadores — todos "produtos" nacionais: Carlos Alberto Parreira, Dunga (em duas passagens), Mano Menezes, Luiz Felipe Scolari e Tite.

Ao avaliar o cenário, Ronaldo citou o seu treinador brasileiro favorito: Fernando Diniz. "Acho que tem grandes nomes internacionais na mesa, e as opções brasileiras, não vejo muitas. O Diniz é um dos nomes brasileiros que mais me agradam neste momento", pontuou.

O capitão do penta, Cafu, também citou o técnico do Flu. "Eu prefiro um treinador brasileiro, jovem e que possa fazer a Seleção jogar. O Diniz está fazendo um grande trabalho, o Rogério Ceni vem fazendo um trabalho no São Paulo. Dá a chance para os jovens. Você não vai saber se os jovens têm capacidade nunca se não der a eles oportunidade", ressaltou.

Ronaldo mostrou preocupação sobre o estado mental dos jogadores após o tropeço. "Quando vi a entrevista (do Neymar) falando estar psicologicamente destruído, partiu meu coração. Queria encontrar uma forma de ajudá-lo. Essa ajuda existe hoje em dia. Na minha época era pouco falado", disse.

DRIBLE DE CORPO NA COPA

Por Marcos Paulo Lima

Brasil pensa na contramão da história

Em tempos de cartinhas abertas para lá e para cá escritas por jogadores e seus assessores nas redes sociais depois da eliminação da Seleção contra a Croácia, inicio a coluna com um recadinho endereçado ao presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

O destinatário chama-se Ednaldo Rodrigues Gomes. O endereço, Av. Luís Carlos Prestes, 130 — Barra da Tijuca, Rio de Janeiro — RJ, 22775-055. Senhor presidente, sabia que técnicos estrangeiros jamais conquistaram a Copa do Mundo? Mais: tá ligado que o último treinador importado a disputar a final é Ernst Happel? O austríaco amargou o vice com a Holanda, em 1978, após disputar a decisão contra a anfitriã Argentina. Isso faz 44 anos. Antes dele, o inglês George Raynor perdeu a decisão de 1958 pela Suécia.

Baiano que é, Ednaldo Rodrigues certamente tem as superstições dele. Daí a importância de saber que dona Copa é meio nacionalista. Não é de dar moral para técnicos importados. As semifinais deste ano, aqui no Qatar, reforçam o tabu.

Lionel Scaloni é argentino. Zlatko Dalic, croata. Um deles estará na final de domingo, às 12h (de Brasília), no Estádio Icônico Lusail. O duelo de amanhã opõe o francês da gema Didier Deschamps e Walid Regragui. Embora o treinador de Marrocos tenha nascido em Corbeil-Essonnes, na França, ele tem o sangue do primeiro país africano classificado para a semifinal na veia. Nas entrevistas em Doha, reforço mais de uma vez a ascendência.

Toco no tema porque há pressão pela contratação de um sucessor estrangeiro para Tite. Dos portugueses Jorge Jesus e Abel Ferreira ao catalão Pep Guardiola e o italiano Carlo Ancelotti. Fico curioso para entender a possível entrada do técnico do Real Madrid na lista. É por convicção ou osmose? Afinal, Tite nunca repetiu tanto o nome do guru Ancelotti nas entrevistas como técnico da Seleção. É um dos grandes amigos e mentores dele.

A CBF jura não ter aberto negociação com ninguém. Promete anunciar o sucessor depois da final da Copa, do Natal e do réveillon. O Brasil entraria 2023 sabendo de quem será a missão de guiá-la nas Eliminatórias para a Copa de 2026, no México, Canadá e EUA.

Curioso como as opiniões mudam da noite para o dia. Ednaldo Rodrigues jura que tomará a decisão sozinho. Ou melhor, ele e Deus. Porém, Ronaldo assumiu de vez o papel de influencer. Foi de Fernando Diniz a Carlo Ancelotti. Seria ele o porta-voz do balão de ensaio? Uma enquete ambulante para aferir os humores em nome da CBF?

As interpretações das eliminações do Brasil são quase sempre traiçoeiras na caça ao hexa. Depois de 2006, falava-se em um técnico sargentão devido aos episódios de Weggis. Depois do fracasso dele em 2010, o mantra era renovação. Mano Menezes tocou a ideia. Ficou por dois anos e aí, rolou o discurso de que era necessário um técnico cascudo. Luiz Felipe Scolari voltou. Dunga também depois dele. Tite assumiu como o técnico mais atualizado do país. Agora, todos estão atrasados. A chave para o sucesso é um estrangeiro.

Sim, tabus são feitos para serem quebrados, mas, como expliquei historicamente no início, recomendo ao senhor Ednaldo Rodrigues dar uma lida na nacionalidade dos técnicos campeões na Copa do Mundo. É sempre bom tomar a decisão convicto, bem informado e afinado com dona Copa.